RAÍZES DE BELO HORIZONTE

MAPEAMENTO PRELIMINAR DE RAIZEIRAS E BENZEDEIRAS

BELO HORIZONTE
PREFEITURA DO POVO

AQUI O TRABALHO NÃO PARA

FICHA TÉCNICA

Álvaro Damião
Prefeito de Belo Horizonte

André Abreu Reis
Secretário Municipal de Assistência Social e Direitos Hu manos

Luana Magalhães de Araújo Cunha
Subsecretária de Direitos Humanos

Gabriel Luis de Souza
Diretor de Políticas de Reparação e Promoção
da Igualdade Racial

Mapeamento, sistematização e análise dos dados
Observatório de Direitos Humanos
Fabiana Fadul
Renata Martins Costa Moura

Elaboração e revisão
Arlete de Paula Corrêa
Fabiana Fadul
Gabriel Luis de Souza
Lívia Borges
Olga Maria Trindade do Nascimento
Viviane Colen

Fotografias
Gregory Rodrigues Roque de Souza

Diagramação
Fabiana Sabioni Ferreira

Assessoria de Comunicação e Relacionamento com a Imprensa
Stênio Lima

Colaboração

Coletivo Minhas Plantas Meu Quintal, Rosas do São Bernardo, Ana Maria Soares, Marinete Souza de Mendonça, Tatiane de Oliveira Pereira, Laiza Alves, Regina Capistrano Rodrigues, Eduarda Marina Alves Balsamao, Rogério de Carvalho, Rasângela Souza, Maria do Carmo Reis Vieira, Iraci Pereira, Isabel Goes Cupertino, Rita de Fátima Goes Cupertino, Maria das Graças, Maria E. Ferreira, Laíra Luanda Soares.

Benzedeiras, raizeiras e demais detentoras e detentores de saberes tradicionais participantes do mapeamento e das ações de escuta.

Apresentação

Luana Magalhães de Araújo Cunha

Belo Horizonte é uma cidade feita de muitas histórias, territórios, culturas e modos de vida. Em meio a essa diversidade, vivem saberes ancestrais que atravessam gerações e permanecem presentes no cotidiano de muitas comunidades. São conhecimentos cultivados e compartilhados por benzedeiras (os) e raizeiras (os), pessoas que, por meio das plantas, das rezas, da espiritualidade, da escuta e do acolhimento, mantêm vivas práticas tradicionais de cuidado e solidariedade.

Esta publicação nasce do diálogo e da escuta das comunidades tradicionais e da sociedade civil, reafirmando o compromisso da Prefeitura de Belo Horizonte com o reconhecimento, a valorização e a salvaguarda desses saberes. O mapeamento realizado em 2026 nos aproxima de pessoas que guardam e compartilham conhecimentos construídos ao longo do tempo, transmitidos entre gerações e cultivados nos quintais, nos terreiros, nas famílias e nos laços comunitários.

Este material também nos convida a reconhecer parte da memória viva de Belo Horizonte. Em cada trajetória registrada, encontramos

histórias de resistência, afeto, pertencimento e continuidade. Encontramos também a força de mulheres e homens que preservam conhecimentos fundamentais para a identidade cultural da nossa cidade e que, muitas vezes, mantiveram suas práticas vivas apesar dos processos históricos de invisibilização, racismo e intolerância religiosa.

Reconhecer esses saberes é valorizar a diversidade que constitui Belo Horizonte, fortalecer direitos e respeitar os modos de vida e as tradições que integram o patrimônio cultural de nossas comunidades. É compreender que cuidar dessa memória também significa criar condições para que esses conhecimentos sejam respeitados, compartilhados e transmitidos às próximas gerações, com a dignidade que merecem.

Que esta publicação seja um encontro entre a cidade e suas próprias raízes. Que nos ajude a olhar com mais atenção para os quintais, ouvir com respeito as palavras das mais velhas e reconhecer, nas mãos que cultivam, nas rezas que acolhem e nos saberes que resistem, a riqueza de uma Belo Horizonte que se constrói também pela ancestralidade, pelo cuidado e pela força de suas comunidades.

SUMÁRIO

11 1. Por que conhecer e valorizar benzedeiras e raizeiras?

13 2. Caminhos da escuta: como foi realizado o mapeamento

16 3. Quem cuida: um retrato das benzedeiras e raizeiras

24 4. Como se aprende um saber tradicional?

34 5. Entre rezas, folhas e raízes: os ofícios do cuidado

40 6. O poder das plantas: quintais que cuidam

42 7. Onde o cuidado floresce: territorialidades

44 8. Saberes que resistem: reconhecimento e proteção

47 9. Patrimônio cultural vivo

49 10. Cuidar de quem cuida: caminhos para fortalecer esses saberes

53 Considerações finais
56 Perguntas frequentes
58 Contatos
59 Glossário
64 Referências

Nota ao leitor

Esta publicação registra e valoriza conhecimentos tradicionais existentes em Belo Horizonte. As práticas aqui apresentadas possuem caráter cultural, comunitário, espiritual e histórico e não substituem diagnósticos, acompanhamentos ou tratamentos realizados por serviços e profissionais de saúde.

RAÍZES DE BELO HORIZONTE

“Eu nasci na folha, na folha eu me criei
Se a folha virou, eu também virei
Se a folha virou, eu também virei.”
(Ponto tradicional de matriz afro-brasileira)

1. Por que conhecer e valorizar benzedeiras e raizeiras?

No tecido urbano de Belo Horizonte, benzedeiras e raizeiras preservam e recriam saberes vivos transmitidos entre gerações pela oralidade, pela espiritualidade, pelas relações comunitárias e pelas tradições familiares, com raízes nas matrizes indígenas, africanas e nas múltiplas expressões da cultura popular brasileira.



Segundo as autoras Jaqueline Dias e Lourdes Laureano, no livro Farmacopéia Popular no Cerrado, as raizeiras detêm conhecimentos tradicionais sobre raízes, ervas, cascas, sementes e outras plantas medicinais utilizadas no preparo de remédios caseiros e em diferentes formas de cuidado, articulando dimensões físicas, emocionais, espirituais e comunitárias.

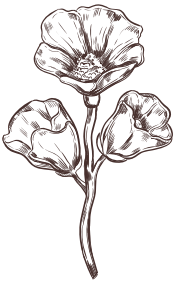
Já as benzedeiras, de acordo com Núbia Gomes e Edmilson Pereina na obra “Assim se Benze em Minas Gerais”, atuam por meio de rituais compostos por orações, gestos simbólicos e elementos da natureza (fogo, água, terra e ar), associados, em suas tradições, à proteção, ao bem-estar e ao cuidado.

Essas práticas vão além de técnicas, constituem expressões do patrimônio cultural imaterial e permanecem nos gestos cotidianos, como na reza, no preparo de garrafadas e na escuta atenta.

O mapeamento de raizeiras e benzedeiras, amparado pela Lei Municipal nº 9.934/2010, reconhece essas guardiãs como protagonistas essenciais em seus territórios. A iniciativa gera dados estratégicos iniciais que podem vir a subsidiar políticas públicas de valorização, equidade racial e fortalecimento comunitário, reafirmando o compromisso de Belo Horizonte com a diversidade cultural, a valorização dos saberes tradicionais, a memória coletiva e a promoção da justiça social.

“A gente sabe que tanto a promoção da igualdade e o fortalecimento da população negra, precisam estar reconhecidas. [...] A gente sabe o tanto que nós raizeiras e benzedeiras interferimos e diminuímos dados de sobrevida e sobre saúde e isso precisa ser reconhecido, isso precisa avançar. [...]” (Mãe Ana - Encontro do Programa Vozes Raízes da PBH)





2. Caminhos da escuta:como foi realizado o mapeamento

A DPIR realizou o mapeamento para conhecer e reconhecer benzedeiras(os) e raizeiras(os) em Belo Horizonte. Entre março e julho de 2026, adotou-se formulário digital participativo no portal da Prefeitura, em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). Dos 107 registros iniciais computados, 100 foram validados, formando uma rede ativa de cuidado tradicional.

O mapeamento revela um perfil predominante de mulheres negras, detentoras de conhecimentos tradicionais construídos ao longo de suas trajetórias de vida e reconhecidas por sua atuação nas comunidades. Esse dado evidencia o papel central dessas mulheres na preservação e na transmissão desses saberes. O levantamento valoriza esse patrimônio vivo e reforça a importância de sua transmissão às gerações mais jovens para garantir sua continuidade.

CONHECER E RECONHECER

Reconhecer esses saberes não significa substituí-los pelo conhecimento científico, nem atribuir-lhes caráter universal. Significa reconhecer que diferentes sistemas de conhecimento podem coexistir e contribuir, de forma complementar, para o cuidado, o diálogo intercultural e a garantia de direitos.

Cabe destacar que, nesta etapa, o mapeamento captou principalmente esse perfil, vinculado à matriz afro-brasileira. A ampliação da pesquisa a outras matrizes de saberes tradicionais — indígena, cigana e católica popular não vinculada a terreiros — é um dos objetivos das próximas etapas do trabalho.

Além disso, em formato presencial, a DPIR esteve presente na “Mostra com Prosa de Saberes Tradicionais: 8 anos”, um projeto comunitário contínuo em Belo Horizonte idealizado pela psicóloga e benzedeira Ana Maria Soares (Mãe Ana). Nesse ano de 2026, ocorreu no Coletivo **Minhas Plantas, Meu Quintal** e contou com a presença de diversas lideranças femininas.



IMPORTANTE SOBRE OS DADOS

O mapeamento não constitui um censo de todas as benzedeiras e raizeiras de Belo Horizonte. Os resultados apresentados representam as pessoas alcançadas e validadas nesta etapa, realizada entre março e julho de 2026, e devem ser lidos à luz dos limites do formulário digital e das estratégias de mobilização adotadas.

3. Quem cuida: um retrato das benzedeiras e raizeiras



Os dados revelam um perfil marcado pela longa trajetória de atuação e pela transmissão intergeracional dos conhecimentos, aprendidos principalmente com avós, pais, mães, familiares e comunidades. Esses resultados evidenciam a centralidade das relações de convivência e da oralidade na continuidade desses saberes tradicionais. O perfil étnico-racial e de gênero dialoga com a história social das práticas tradicionais de cuidado em Minas Gerais e no Brasil, fortemente influenciadas pelas contribuições indígenas, africanas e afro-brasileiras, nas quais as mulheres desempenham papel central na preservação e transmissão desses conhecimentos.

GÊNERO

Identidade de Gênero

CATEGORIA	VALOR
Não sabe / Não quer responder	6
Pessoa não-binária	4
Mulher cis	77
Homem trans	1
Homem cis	12

Fonte: Elaborado pelo ODH com base em dados da pesquisa Mapeamento de Benzedeiras(os) e Raizeiras(os) de Belo Horizonte (2026)

Os dados mostram a centralidade da prática no feminino, como destaca a tese de doutorado de Celina Gontijo Cunha (2023):

> ***No que se refere à tradição das práticas de cura através da palavra, ou seja, o ritual da benzeção, a mulher se mostra uma protagonista de primeira ordem. Uma vez iniciada nesse universo mágico-religioso, ela se torna uma agente social que também representa a identidade do seu povo, assim como acontece com os mestres do Congado, da Folia de Reis, da Marujada etc. (Cunha, 2023, p. 24)***

RAÇA/COR

CATEGORIA	VALOR
Branca	24
Indígena	1
Parda	22
Preta	53

Fonte: Elaborado pelo ODH com base em dados da pesquisa Mapeamento de Benzedeiras(os) e Raizeiras(os) de Belo Horizonte (2026)

A interpretação da categoria ‘parda’ exige cautela. Embora corresponda a uma categoria oficial utilizada pelo IBGE, diferentes estudos têm demonstrado que ela pode reunir trajetórias identitárias diversas, incluindo pessoas negras e indígenas, nem sempre plenamente representadas por essa classificação. Assim, ao mesmo tempo que os dados revelam a predominância negra entre as benzedeiras e raizeiras, esses resultados também convidam a interpretar os dados para além da classificação censitária, reconhecendo a pluralidade das identidades e trajetórias que compõem esses saberes tradicionais.

FAIXA ETÁRIA

CATEGORIA	VALOR
Até 17 anos	1
18 a 24 anos	3
25 a 34 anos	8
35 a 44 anos	15
45 a 54 anos	23
55 a 64 anos	28
65 a 74 anos	14
75 a 84 anos	5
85 anos ou mais	3

Fonte: Elaborado pelo ODH com base em dados da pesquisa Mapeamento de Benzedeiras(os) e Raizeiras(os) de Belo Horizonte (2026)

Ao todo, 73% dos participantes possuem 45 anos ou mais, revelando que os conhecimentos e saberes tradicionais encontram-se fortemente concentrados entre as pessoas de maior faixa etária. Essa questão ecoa a preocupação de Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo) em sua obra “A terra dá, a terra quer” de 2023, para quem a transmissão de saberes entre gerações não é um detalhe, mas a própria condição de existência de um modo de vida autônomo. Em suas palavras, “a geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo” (Bispo dos Santos, 2023, p. 66) - um ciclo que só se completa se houver continuidade. Esse cenário

evidencia a importância de fortalecer estratégias que promovam a transmissão intergeracional desses conhecimentos, contribuindo para sua continuidade como patrimônio cultural imaterial.

A transmissão desses saberes acontece, sobretudo, pela oralidade e pela convivência — em família ou em contextos religiosos e espirituais. 88% das pessoas mapeadas afirmam transmitir seus conhecimentos hoje, principalmente para pessoas da comunidade (31), filhos e filhas (17) e aprendizes (16).

DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL (REGIONAIS)

CATEGORIA	VALOR
Nordeste	21,4
Leste	14,3
Noroeste	13,3
Oeste	11,2
Barreiro	10,2
Centro-Sul	8,17
Norte	8,16
Pampulha	7,15
Venda Nova	6,12

Fonte: Elaborado pelo ODH com base em dados da pesquisa Mapeamento de Benzedeiras(os) e Raizeiras(os) de Belo Horizonte (2026)

A distribuição territorial desta etapa do mapeamento é um achado revelador. Entre os registros validados, houve maior presença nas Regionais Nordeste, Leste e Noroeste, enquanto Centro-Sul e Pampulha apresentaram menor número de registros. Nesses territórios, benzedeiras e raizeiras exercem papéis de acolhimento, cuidado e fortalecimento de vínculos comunitários. Bairros como Concórdia, na Regional Nordeste, reúnem múltiplos registros, refletindo comunidades onde essas práticas são reconhecidas e compartilhadas abertamente.

Esse padrão pode refletir a presença de redes comunitárias historicamente consolidadas, nas quais benzedeiras e raizeiras desempenham papel reconhecido na produção cotidiana do cuidado. Entretanto, os dados do mapeamento não permitem afirmar, isoladamente, maior intensidade dessas práticas ou maior demanda por seus serviços em determinadas regionais.

Parte dos registros apresenta CEPs não localizados em bases oficiais, sendo esse um dado sutil sobre a complexidade dos territórios, onde vilas e aglomerados desafiam a lógica cartográfica tradicional, mostrando que a cidade real transcende o mapa formal. A nuvem de palavras a seguir ilustra os bairros onde essa presença se destaca.



Fonte: Elaborado pelo ODH com base em dados da pesquisa Mapeamento de Benzedeiras(os) e Raizeiras(os) de Belo Horizonte (2026)

O QUE OS DADOS REVELAM

Os números narram uma história de ancestralidade, resistência e cuidado. As benzedeiras e raizeiras de Belo Horizonte são, em sua maioria, mulheres, negras, de maior faixa etária e profundamente conectadas aos territórios onde vivem e atuam. Esses saberes são sustentados por trajetórias de vida, fé, experiência e compromisso com o bem viver coletivo, atravessando gerações e fortalecendo redes de apoio comunitário em toda a cidade.

A distribuição territorial observada reforça que esses saberes se organizam em estreita relação com os lugares onde as pessoas vivem, constroem vínculos e compartilham experiências de cuidado. Nessa perspectiva, o território não corresponde apenas a uma delimitação geográfica, mas também ao espaço onde se produzem relações sociais, memórias e formas coletivas de pertencimento, aspecto retomado no Capítulo 7.



4. Como se aprende um saber tradicional?

De acordo com Tayane Oliveira, na sua dissertação entitulada “Reza Antiga, Cura Certa – Bênçãos, memórias e quebrantos: o ofício da benzedura na cidade de São João del-Rei”, a transmissão dos saberes das benzedeiras e raizeiras ocorre, sobretudo, pela oralidade, pela convivência cotidiana e pela participação nas práticas comunitárias. Em seu trabalho, Tayane compartilha uma conversa com sua avó Ana e a importância da transmissão de saberes. Trata-se de um processo de aprendizagem construído na experiência, na observação e na confiança. Mais do que um encontro entre gerações, é o ato de semear palavras, que quando jogadas na terra fértil da convivência, brotam em novos modos de ver, sentir e fazer.

“(Ana): *Papai benzia, mamãe benzia e minha avó também benzia.*

(Tayane): *Então, a sua avó ensinou pra sua mãe?*

(Ana): *Hein?*

(Tayane): *A sua avó passou pra sua mãe?*

(Ana): *É todos esses que passou pra mim, foi ensinado pra mim. E comodou com eles, e prendeu com eles e ensinou.”*

(Entrevista concedida por Ana de Jesus Rodrigues à Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira em 2015, apud Oliveira, 2022)

Herança familiar

A maioria das benzedeiras e raizeiras aprendeu o ofício com familiares próximos: mães, avós, tias.



“ Eu estou há 40 anos na minha missão de yalorixá, benzedeira, raizeira e rainha de congado[...]. Eu agradeço todos os dias aos meus orixás e a minha avó. Minha avó, mãe Maria do Rosário, aos cinco anos de idade, quando ela trançava o meu cabelo, e o meu pai era totalmente contrário às tradições, [...] mas a minha avó percebeu a minha mediunidade e percebeu a minha missão. Então aos 5 anos de idade quando ela começou, ela me mostrou - ‘isso é para isso, e isso é para aquilo’. A criança, a coisa mais saudável é ensinar a criança. E, com isso, hoje eu consigo receber na minha casa pessoas de todas as idades, de todas as etnias, de todas as variedades.” (Mãe Neli - Encontro do Programa Vozes Raízes da PBH)

Aprendizado religioso e espiritual

Muitas benzedeiras recebem o dom por meio de orientação espiritual ou em contextos religiosos.



Eu tinha meus 38 anos, comecei a rezar e nem sabia que sabia rezar. [...] Eu fui na umbanda, cheguei lá uma senhora velha, quase 100 anos, cheguei lá e ela nunca tinha me visto [...], perguntei:
O que é que eu tenho que fazer?
Prestar caridade, ela disse
Como assim? Ajudar alguém?
Não, a sua mediunidade está avançada, você precisa desenvolver
[...] Aí eu fiquei em pé e ela fazendo umas orações pra mim e de repente comecei a sentir que estava entrando debaixo do chão e gritei "NOSSA SENHORA!" Eu fiquei com medo. [...] Ela me mandou sentar na corrente dos Pretos Velhos e não sei o que aconteceu; fui embora pra casa. Chegando lá em casa chega uma senhora lá em casa ´[...] Vim trazer pra senhora benzer, a entidade falou para eu trazer o menino para a senhora benzer. (Maria Ephigênia, Encontro do Programa Vozes Raízes da PBH)

Eu tinha meus 38 anos, comecei a rezar e nem sabia que sabia rezar. [...] Eu fui na umbanda, cheguei lá uma senhora velha, quase 100 anos, cheguei lá e ela nunca tinha me visto [...], perguntei:
O que é que eu tenho que fazer?
Prestar caridade, ela disse
Como assim? Ajudar alguém?
Não, a sua mediunidade está avançada, você precisa desenvolver
[...] Aí eu fiquei em pé e ela fazendo umas orações pra mim e de repente comecei a sentir que estava entrando debaixo do chão e gritei "NOSSA SENHORA!" Eu fiquei com medo. [...] Ela me mandou sentar na corrente dos Pretos Velhos e não sei o que aconteceu; fui embora pra casa. Chegando lá em casa chega uma senhora lá em casa ´[...] Vim trazer pra senhora benzer, a entidade falou para eu trazer o menino para a senhora benzer. (Maria Ephigênia, Encontro do Programa Vozes Raízes da PBH)

O despertar do dom

No território quilombola de Mangueiras eu tenho 3 Irokos que nasceram pelas minhas mãos porque eu ouvi o chamado, e é um lugar de cura. [...] Eu sou uma mulher de tradições onde a água, a folha e o barro alimentam o meu corpo.



(Mãe Ivone, Encontro do Programa Vozes Raízes da PBH)

TEMPO DE ATUAÇÃO

Os dados revelam elevado acúmulo de experiência:

CATEGORIA	VALOR
Desde a infância	18%
Menos de 5 anos	12%
Entre 5 e 10 anos	18%
Entre 10 a 20 anos	22%
Mais de 20 anos	30%

Fonte: Elaborado pelo ODH com base em dados da pesquisa Mapeamento de Benzedeiras(os) e Raizeiras(os) de Belo Horizonte (2026)

Esse cenário sugere que os conhecimentos relacionados ao benzimento e ao uso das plantas medicinais não são construídos de forma pontual, mas resultam de processos contínuos de aprendizagem, convivência e reconhecimento comunitário. A predominância de praticantes com décadas de atuação evidencia não apenas a permanência dessas tradições, mas também sua relevância na oferta de cuidados, especialmente em contextos onde os vínculos comunitários e os saberes populares ocupam um papel fundamental na promoção da saúde e do bem-estar.

“Aprendeu? Transfere!”

(Maria Cristina,Encontro do Programa Vozes Raízes da PBH)

TRANSMISSÃO DOS SABERES E PRÁTICAS

CATEGORIA	VALOR
Por orientação espiritual	36%
Com avó	24%
Com mãe	13%
Com pessoa da comunidade	9%
Com outra pessoa da família	5%
Estudos	4%
Com pai	3%
Com pais	3%
Com avós	2%
Formações ambientais	0,90%

Fonte: Elaborado pelo ODH com base em dados da pesquisa Mapeamento de Benzedeiras(os) e Raizeiras(os) de Belo Horizonte (2026)



COMPROMISSO COM AS NOVAS GERAÇÕES

CATEGORIA	VALOR
Pessoas da comunidade	31
Filhos/as	17
Aprendizes	16
Quem desejar	10
Filhos de Santo do Terreiro	4
Grupo Específico	3
Pessoas da Família	3
Comunidade espiritual	2
Em Cursos	2
TOTAL	88

Fonte: Elaborado pelo ODH com base em dados da pesquisa Mapeamento de Benzedeiras(os) e Raizeiras(os) de Belo Horizonte (2026)

88 % das mapeadas afirmam compartilhar seus conhecimentos com aprendizes, familiares ou membros da comunidade, demonstrando que a prática permanece como uma tradição ativa, que se adapta ao presente sem perder suas raízes.

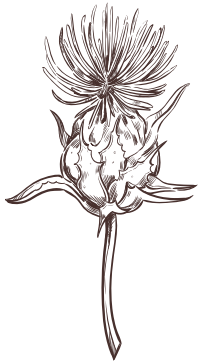
A PREOCUPAÇÃO COM A CONTINUIDADE



Eu levei para dentro da minha escola [...] e aí eu fui fazendo os corações magoados, os chás, as águas saborizadas. Aí hoje, graças a Deus, depois de muita burocracia, conseguimos pôr os chás às terças e quintas. [...] E falo que o 'ser mar' é isso: aprendeu? transfere! Pois o mar é isso - infinito. [...] Eu trouxe hoje o manjericão; a água saborizada que vocês vão tomar foi plantada pelas mãos das crianças. Isso aqui tem essência e é pela essência que devemos continuar, pois é só isso que vai salvar o mundo. (Maria Cristina, Encontro do Programa Vozes Raízes da PBH).

ENTRE REZAS, FOLHAS, RAÍZES E TERRITÓRIOS

5. Entre rezas, folhas e raízes: os ofícios do cuidado



No Candomblé existem três tipos de sangue, que nós chamamos de ejé: o mineral, o vegetal e o animal. Quando pego uma folha para macerar, quando tiro o sumo daquela folha, estou tirando o sangue. A seiva da folha é o sangue, é a essência. Para cada tipo de trabalho, para cada tipo de problema que cada um tem, vamos usar uma folha mais fria, uma folha mais quente ou uma mistura com as duas. Quando vou dar um bori na minha casa, uso uma folha para colocar no ori: uso Oxibatá ou uma folha de Saião, que é justamente para esfriar, porque são folhas frias. Se a vida da pessoa está muito complicada e ela está precisando de ritmo, eu vou usar uma

folha do Ogun ou uma folha de Xangô. [..] Cada folha tem uma especificidade e é utilizada em uma determinada situação. As folhas, no ritual, são muito importantes porque representam esse sangue que para nós é vida. Se tirar todo o sangue do meu corpo, vou morrer. Quando faço um banho, quando estou quinando um banho, estou ali pedindo licença a Osanhe, cantando uma cantiga, pedindo a ele que aquela folha surta o efeito necessário. Estou tirando o sangue da planta para dar vida àquela pessoa. ("A Folha é Sangue", Babalorixá Sidney d'Oxóssi, Jardins do Sagrado, 2023)

CARACTERIZAÇÃO DAS PRÁTICAS

Identificação

Ao perguntar "Como se identificam?", o mapeamento privilegia a forma como as próprias agentes reconhecem sua atuação, evitando classificações externas e respeitando a diversidade cultural presente nos territórios.

A distribuição das categorias demonstra que esses saberes são plurais e especializados. As(os) benzedeiras(os) atuam principalmente por meio da espiritualidade, da oralidade e das rezas. Já as(os) raizeiras(os) e erveiras(os) compartilham o conhecimento sobre plantas medicinais e a produção desses medicamentos naturais.

A categoria terapeuta indica a aproximação entre os saberes tradicionais e as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), refletindo o diálogo entre conhecimentos

ancestrais e práticas institucionalizadas. Por sua vez, a categoria “outros” garante a visibilidade de identidades locais, como parteiras, rezadeiras, pajés e curadoras, reforçando a diversidade dos ofícios tradicionais de cuidado e evitando a invisibilização de saberes específicos.

COMO SE IDENTIFICAM

CATEGORIA	Nº	%
Benzedeira(o) e raizeira(o)	37	38%
Benzedeira(o)	33	34%
Raizeira(o)	12	12%
Outros*	10	10%
Terapeuta	4	4%
Erveira(o)	2	2%

Fonte: Elaborado pelo ODH com base em dados da pesquisa Mapeamento de Benzedeiras(os) e Raizeiras(os) de Belo Horizonte (2026)



BENZIMENTO

As práticas de benzeção constituem tecnologias sociais de cuidado construídas e compartilhadas coletivamente ao longo de gerações. Indissociáveis da ancestralidade e da experiência comunitária de benzedeiras e benzedores, essas práticas articulam espiritualidade, acolhimento, uso de plantas medicinais e transmissão oral de conhecimentos. Podem ser compreendidas como expressões vivas do patrimônio cultural imaterial, preservadas principalmente pela oralidade, pela convivência comunitária e pela transmissão intergeracional dos conhecimentos.

Nesse contexto, o processo de adoecimento e de cuidado ultrapassa a dimensão exclusivamente biológica, envolvendo aspectos espirituais, emocionais, familiares, culturais e comunitários. A busca pela benzeção frequentemente mobiliza relações de confiança, pertencimento e solidariedade construídas no território. Em diálogo com Alberto Manuel Quintana (1999), compreende-se que as experiências de adoecimento e cuidado são também produzidas socialmente, estando relacionadas às condições de vida, às formas de pertencimento e ao contexto em que as pessoas vivem.

Para Núbia Gomes e Edmilson Pereira em “Assim se Benze em Minas Gerais”, a dinâmica da benzeção estrutura-se

em três momentos: acolhimento, bênção e aconselhamento. Após a escuta do consulente, o ritual mobiliza um repertório de rezas que combina elementos do catolicismo popular e da tradição oral para males como quebranto, ventre-virado e cobreiro. Embora esse repertório seja compartilhado coletivamente, cada benzedor(a) o ressignifica conforme sua trajetória espiritual.

O rito também incorpora elementos da biodiversidade local e objetos simbólicos, como arruda, alecrim, mamona, terço, agulha e linha, que participam da construção simbólica do cuidado. Ainda segundo os dois autores, esses artefatos atuam como um “corpo intermediário”, recebendo simbolicamente o mal-estar e contribuindo para a restauração do equilíbrio da pessoa assistida.

Assim sendo, o aconselhamento encerra o processo, reforçando que a cura é construída de forma contínua e compartilhada. A orientação para novas rezas ou o uso de banhos de ervas evidencia o caráter processual do cuidado e fortalece os vínculos de confiança entre o benzedor e a comunidade.

> ***– Benzê num é pra qualquer um não, por causa do dom de Deus. Uma pessoa tem que passá a benzeção pra senhora, com orde de Deus. Agora tem umas palavras que pode ensiná as pessoas, um pouquinho, pra quando precisá e num tivé benzêdo por perto. Coisinha pouca, que muita gente sabe. Pra ajudá, que assim o cristão mesmo benze ele, numa hora de apertume. (VAZANTE, apud Pereira e Gomes, 2018)***

UTILIZAÇÃO DE ERVAS MEDICINAIS EM SUAS PRÁTICAS

CATEGORIA	VALOR
Sim	96%
Não	4%

Fonte: Elaborado pelo ODH com base em dados da pesquisa Mapeamento de Benzedeiras(os) e Raizeiras(os) de Belo Horizonte (2026)

SABERES SOBRE PLANTAS E PREPARAÇÕES TRADICIONAIS

Entre as práticas relatadas no mapeamento estão chás, banhos, garrafadas, pomadas e outras preparações transmitidas entre gerações. Seus modos de preparo variam conforme a tradição, o território e os conhecimentos de cada raizeira ou raizeiro. Esta publicação registra a existência desses saberes com finalidade cultural e documental e não apresenta receitas, doses ou orientações de tratamento.



6. O poder das plantas: quintais que cuidam

PLANTAS QUE CUIDAM

Para as raizeiras e benzedeiras, em discussão na obra Jardins do Sagrado: cultivando insamiabas que curam, realizada pela Prefeitura de Belo Horizonte e a Universidade Federal de Minas Gerais, as plantas não são compreendidas apenas como recursos naturais. Elas integram sistemas tradicionais de conhecimento, reunindo dimensões terapêuticas, alimentares, espirituais, culturais e ambientais construídas ao longo de gerações. Cada planta possui características próprias, modos específicos de preparo e formas de utilização transmitidas entre gerações, constituindo um patrimônio de conhecimentos associado à biodiversidade e aos modos de vida das comunidades.

O reconhecimento da importância das plantas medicinais dialoga com a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, que valoriza o uso sustentável da biodiversidade, os conhecimentos tradicionais associados e a

ampliação do acesso seguro às plantas medicinais e aos fitoterápicos no Sistema Único de Saúde.

Quintais e hortas: farmácias vivas
Quintais e hortas constituem importantes espaços de cultivo, experimentação, conservação e transmissão dos conhecimentos sobre plantas medicinais. Em muitas comunidades, funcionam como verdadeiras ‘farmácias vivas’, onde o cuidado é produzido de forma coletiva e cotidiana.

Mãe Neli, durante Encontro do Programa Vozes Raízes da PBH), conta que transformou seu quintal em um ervanário:



Dentro da minha casa, um lote de 360 metros, eu dividi ao meio, onde uma parte é do meu candomblé e a outra parte é dedicada às ervas. Então, eu agradeço muito, pois, além de eu me curar, primeiro eu experimento em mim e depois eu parto para outras pessoas.

7. Onde o cuidado floresce: territorialidades



MAPA DAS REGIONAIS

As benzedeiras e raizeiras estão presentes em todas as nove regionais de Belo Horizonte, com forte concentração nas regiões Nordeste (21,4%), Noroeste (13,3%) e Leste (14,3%), que juntas abrigam quase metade (49%) dos praticantes.

Relação entre território e tradição
A distribuição territorial evidencia a capilaridade desses saberes, que se enraízam com força em territórios de intensa vida comunitária. Os quintais, hortas, terreiros e demais espaços onde essas práticas se desenvolvem constituem territórios de cuidado, memória, resistência e produção de vínculos comunitários. Nesses lugares, os saberes tradicionais são continuamente praticados, compartilhados e recriados, fortalecendo o pertencimento e a identidade coletiva.

TERRITÓRIO COMO CORPO COLETIVO

Nas cosmologias e modos de vida de muitos povos e comunidades tradicionais, o território ultrapassa a dimensão física. Ele reúne memórias, espiritualidades, formas de organização social, práticas de cuidado e relações com a natureza, constituindo o espaço onde a vida coletiva se produz e se reproduz. O cuidado da saúde não pode ser dissociado do cuidado com a terra, com os rios, com as florestas e com os lugares sagrados, pois é nesse entrelaçamento que se sustentam os sentidos de pertencimento e continuidade.
Essa compreensão ampliada do território também contribui para entender por que os conhecimentos das benzedeiras e raizeiras permanecem fortemente vinculados aos lugares onde se constroem relações de confiança, solidariedade e reciprocidade. Mais do que localizar práticas de cuidado, o território participa ativamente de sua produção e continuidade.

MEMÓRIA VIVA DA CIDADE

8. Saberes que resistem: reconhecimento e proteção

Apesar da importância desses ofícios para as comunidades, a trajetória das benzedeiras e raizeiras também é marcada por processos históricos de desvalorização e invisibilização.

A PERSEGUIÇÃO HISTÓRICA

Ao longo da história brasileira, diferentes práticas tradicionais de cuidado foram deslegitimadas por processos de colonização, medicalização e intolerância religiosa, sendo frequentemente classificadas como superstição, curandeirismo ou feitiçaria. Esses processos contribuíram para invisibilizar conhecimentos produzidos fora dos espaços acadêmicos e institucionais.



A deslegitimação dessas práticas também se relaciona ao racismo estrutural e ao racismo religioso, especialmente quando atinge conhecimentos de matrizes africanas, afro-brasileiras e indígenas, historicamente submetidos a processos de discriminação e exclusão.

Reconhecer esses saberes não significa substituí-los ao conhecimento científico nem atribuir-lhes caráter universal. Significa reconhecer que diferentes sistemas de conhecimento podem coexistir e contribuir, de forma complementar, para a promoção do cuidado, do diálogo intercultural e da garantia de direitos.

As benzedeiras enfrentam de forma particular o racismo religioso, que se manifesta tanto nas relações sociais quanto no acesso a direitos, impactando o reconhecimento, a legitimidade e a plena inserção desses grupos nas políticas públicas. De acordo com o Bàbá Sidnei Nogueira em seu livro “Intolerância Religiosa” (2020):

O racismo religioso condena a origem, a existência, a relação entre uma crença e uma origem preta. O racismo não incide somente sobre pretos e pretas praticantes dessas religiões, mas sobre as origens da religião, sobre as práticas, sobre as crenças e sobre os rituais. Trata-se da alteridade condenada à não existência. (Nogueira, 2020, p. 47)

RECONHECIMENTO COMUNITÁRIO

CATEGORIA	VALOR
Sim	60%
Em parte	38%
Não	2%

Fonte: Elaborado pelo ODH com base em dados da pesquisa Mapeamento de Benzedeiras(os) e Raizeiras(os) de Belo Horizonte (2026)

Ainda assim, as práticas permanecem reconhecidas no cotidiano das comunidades. 60% das pessoas que responderam ao questionário afirmaram sentir reconhecimento comunitário, enquanto 38% percebem esse reconhecimento como parcial, indicando que, embora exista valorização, ainda há desafios para o reconhecimento social mais amplo.



9. Patrimônio cultural vivo

As práticas das benzedeiras e raizeiras ultrapassam a dimensão do cuidado individual e representam uma forma de preservação da memória coletiva.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

O benzimento, as rezas, o uso das plantas medicinais e os modos de acolhimento constituem um patrimônio cultural vivo. Longe de constituírem tradições estáticas, esses conhecimentos são continuamente transmitidos, reinterpretados, recriados e atualizados pelas comunidades que lhes dão sentido. É justamente essa capacidade de permanência e transformação que caracteriza o Patrimônio Cultural Imaterial. Pois, segundo a Política Nacional de para o Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, podemos caracterizar povos e comunidades tradicionais como:

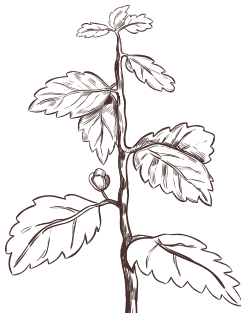
> *Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (Brasil, 2007, art. 3º)*

TECNOLOGIAS SOCIAIS DE CUIDADO

Ao reconhecer os saberes das raizeiras e benzedeiras como Patrimônio Cultural Imaterial, o poder público contribui não apenas para sua preservação, mas também para fortalecer a diversidade cultural, a memória coletiva e os direitos dos povos e comunidades tradicionais.

CUIDAR DE QUEM CUIDA

Os saberes tradicionais permanecem vivos, mas as benzedeiras e raizeiras apontam caminhos para seu fortalecimento, pois os dados coletados e trabalhados acima permitem concluir que a sensibilização de outras gerações se mostra mister para a continuidade das práticas. O primeiro passo é o reconhecimento institucional: que a cidade veja suas práticas como cuidado legítimo. O segundo é o apoio material: espaços para atender, plantar e compartilhar – como viveiros e hortas comunitárias. O terceiro é a proteção contra a intolerância religiosa e o racismo, para que esses saberes existam com dignidade, segurança e respeito.



10. Cuidar de quem cuida: caminhos para fortalecer esses saberes

O fortalecimento das práticas das benzedeiras e raizeiras requer o reconhecimento de seus saberes como expressões do patrimônio cultural imaterial, formas tradicionais de cuidado e manifestações fundamentais dos modos de vida dos povos e comunidades tradicionais e das populações negras. Esses conhecimentos, transmitidos entre gerações, contribuem para o fortalecimento dos vínculos comunitários, a preservação da memória coletiva e a valorização das identidades culturais.

COMO O PODER PÚBLICO PODE FORTALECER ESSES SABERES

O fortalecimento desses saberes depende de uma atuação pública baseada em escuta, respeito à autoidentificação e à autodeterminação, valorização dos conhecimentos tradicionais, comunicação acessível, enfrentamento ao racismo e à intolerância religiosa e diálogo intercultural. Esse compromisso deve reconhecer a autonomia das comunidades, proteger seus conhecimentos e favorecer a convivência respeitosa entre diferentes formas de produzir cuidado e conhecimento, em conformidade com os direitos humanos e com os princípios do Sistema Único de Saúde.

CULTURA: PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E RECONHECIMENTO PATRIMONIAL

A criação de um inventário permanente dos saberes tradicionais e o registro desses ofícios como Patrimônio Cultural Imaterial do município podem garantir visibilidade e proteção à memória construída pelas comunidades.

SAÚDE: DIÁLOGO ENTRE SABERES TRADICIONAIS E POLÍTICAS DE CUIDADO

As ações voltadas às plantas medicinais, hortas comunitárias e farmácias vivas podem fortalecer estratégias de promoção da saúde e educação popular em saúde, respeitando os conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade.

EDUCAÇÃO: TRANSMISSÃO ENTRE GERAÇÕES

A inclusão desses conhecimentos em ações de educação patrimonial nas escolas pode criar espaços de encontro entre gerações. Oficinas conduzidas por benzedeiras(os) e raizeiras(os) possibilitam que crianças e jovens conheçam o uso tradicional das plantas, a história dos territórios e os valores envolvidos nessas práticas.

DIREITOS HUMANOS: COMBATE À INTOLERÂNCIA E VALORIZAÇÃO DOS SABERES TRADICIONAIS

Também é fundamental promover ações de enfrentamento à intolerância religiosa e ao racismo, reconhecendo as contribuições dos saberes negros, indígenas e ciganos presentes na formação das práticas de cura popular.

A atuação da Diretoria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (DPIR) está voltada ao reconhecimento, à valorização e à garantia dos direitos das populações negras e de povos e comunidades tradicionais, promovendo o diálogo entre comunidades, sociedade civil e poder público. Em consonância com essa perspectiva, o Plano Municipal de Promoção da Igualdade Racial estabelece como uma de suas diretrizes a superação do racismo institucional, por meio da criação e do fortalecimento de programas permanentes de formação e qualificação de gestores públicos, bem como da implementação de ações de capacitação destinadas a servidores e agentes multiplicadores, com o objetivo de prevenir e eliminar práticas discriminatórias no âmbito da administração pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Onde o Cuidado Floresce

Belo Horizonte abriga uma rede de cuidado muitas vezes invisibilizada, formada por pessoas que, ao longo de suas trajetórias, preservam práticas de acolhimento, escuta e proteção. Benzedeiras(os) e raizeiras(os) atuam como importantes agentes comunitários, especialmente nos territórios onde o cuidado tradicional se mistura às relações de vizinhança, família e solidariedade.

Muitas dessas pessoas mantêm vivos conhecimentos construídos por gerações, oferecendo não apenas práticas relacionadas à saúde física, mas também apoio emocional, conforto e fortalecimento dos vínculos comunitários.

O cuidado realizado nesses espaços ultrapassa a ideia de tratamento individual: ele envolve pertencimento, memória e a construção coletiva de formas de enfrentar as dificuldades da vida cotidiana.

Saberes tradicionais como patrimônio vivo

Os conhecimentos das benzedeiras e raizeiras não pertencem apenas ao passado. Eles permanecem presentes como saberes vivos, que continuam sendo praticados, transformados e transmitidos dentro das comunidades.

Essas práticas expressam a convivência entre diferentes formas de produzir conhecimento e cuidado, reunindo experiências construídas na tradição, na espiritualidade, na vida comunitária e no diálogo com outras formas de conhecimento. Logo, o gesto de escuta é o que este guia pretende cultivar: ouvir, registrar e valorizar aqueles que há gerações cuidam da saúde, da história e da identidade dos territórios.

O futuro: cuidar de quem cuida

A continuidade dessas tradições depende do compromisso coletivo com sua valorização. Garantir espaços de atuação, incentivar projetos de transmissão de conhecimento e combater os preconceitos que ainda cercam essas práticas são passos fundamentais para que esses ofícios continuem existindo.

Reconhecer benzedeiras, benzedores e raizeiras(os) é reconhecer uma parte essencial da memória de Belo Horizonte: uma cidade que também se constrói pelos saberes compartilhados, pela solidariedade e pelas diferentes formas de cuidar.

Valorizar esses saberes significa reconhecer que a promoção da saúde, a preservação da memória, a proteção da diversidade cultural e a garantia de direitos são dimensões complementares de uma mesma política pública voltada ao fortalecimento da vida nos territórios.

PERGUNTAS FREQUENTES

Qual é a diferença entre benzedeira e raizeira?

As benzedeiras atuam principalmente por meio da espiritualidade, da oralidade e das rezas. As raizeiras têm como foco o conhecimento sobre plantas medicinais e a produção de remédios naturais. Na prática, muitas pessoas reúnem os dois saberes e se identificam como benzedeira e raizeira ao mesmo tempo.

Os saberes tradicionais substituem o atendimento de saúde?

Os saberes e práticas das benzedeiras e raizeiras fazem parte de conhecimentos tradicionais transmitidos entre gerações e têm importância cultural e comunitária mas não substituem o acompanhamento de profissionais e serviços de saúde. Reconhecer o valor desses saberes não significa colocá-los em oposição à medicina: são formas de cuidado que podem coexistir de maneira complementar, com respeito à segurança e aos direitos das pessoas.

Para que serve o mapeamento?

O mapeamento tem o objetivo de reconhecer benzedeiras e raizeiras de Belo Horizonte e gerar dados que ajudem a formular políticas públicas de valorização, equidade racial e fortalecimento comunitário. Ele é conduzido pela Diretoria de Políticas de Reparação e Promoção da Igualdade Racial (DPIR).

Como posso contribuir para a valorização desses saberes tradicionais?



Reconhecer, respeitar e divulgar a importância cultural, histórica e comunitária das benzedeiras e raizeiras já é uma forma de valorização. O fortalecimento desses saberes também passa pelo combate à intolerância religiosa e ao racismo, e pelo apoio à transmissão desses conhecimentos entre gerações.



CONTATOS

Informações de Contato (DPIR - Belo Horizonte)

E-mail: dpir@pbh.gov.br
Telefone fixo: (31) 3277-4626 / 3277-4838
Endereço: Av. Afonso Pena, 342, 1º andar
Centro

Denúncias de racismo e injúria racial:
Disque 100

Delegacia Especializada de Investigação de Crimes de Racismo, Xenofobia, LGBTFobia e Intolerâncias Correlatas (Decrin)

E-mail: dpir@pbh.gov.br
Telefone fixo: (31) 3330-5780
Endereço: ARua Rio Grande do Sul, 661
Barro Preto

GLOSSÁRIO DE TERMOS

Benzedeira: mulher que realiza benzeções com rezas e rituais, presentes em diferentes comunidades e tradições. O ato de benzer envolve orações, gestos simbólicos e práticas associadas ao cuidado, à proteção e ao conforto físico, emocional ou espiritual.

Orações e rezas: rezas e invocações utilizadas como prática de cuidado, proteção e fortalecimento espiritual. Podem acompanhar o benzimento ou ser realizados de forma independente, expressando a fé e a relação entre espiritualidade, saúde e bem-estar.

Banhos de ervas: Preparações à base de plantas medicinais, flores ou outros elementos naturais utilizados sobre o corpo com finalidades terapêuticas, energéticas ou espirituais. Os banhos podem ser empregados para promover relaxamento, limpeza simbólica, proteção ou fortalecimento, conforme os conhecimentos e tradições de cada praticante.

Garrafadas: Preparações artesanais elaboradas com plantas medicinais, geralmente maceradas ou conservadas em líquidos como água, mel ou bebidas alcoólicas, utilizadas segundo conhecimentos tradicionais para auxiliar no cuidado de diferentes condições de saúde. Sua composição varia conforme a finalidade e os saberes de cada raizeira(o).

Defumações: Prática que consiste na queima de plantas, resinas ou outros elementos naturais para produzir fumaça utilizada em processos de limpeza, proteção e harmonização de pessoas, ambientes ou objetos. A defumação possui significado simbólico e espiritual em diversas tradições culturais e religiosas.

Outras Práticas/Saberes Tradicionais: Conjunto de saberes e técnicas de cuidado que complementam os ofícios das benzedeiras e raizeiras, podendo incluir massagens, aconselhamento, escuta, imposição das mãos, preparo de chás, xaropes, pomadas, unguentos, compressas, entre outras práticas desenvolvidas conforme a experiência, a tradição familiar e as necessidades da comunidade.

Dom: capacidade espiritual de cuidado reconhecida socialmente em diferentes tradições, comum entre benzedeiras.

Ervas: plantas utilizadas para cura, rituais e alimentação, comuns entre raizeiras e terreiros.

Herbalismo: uso de plantas para fins medicinais, terapêuticos e ritualísticos, comum a raizeiras.

Horto: espaço de cultivo plantas medicinais.

Medicina tradicional: conjunto de práticas terapêuticas baseadas em conhecimentos transmitidos culturalmente, frequentemente ligados ao uso de plantas, rituais e saberes ancestrais.

Ofício: trabalho, profissão ou atividade tradicional exercida por uma pessoa.

Oralidade: transmissão de conhecimentos, histórias e tradições pela fala, de geração em geração.

Povo de terreiro: comunidades ligadas às religiões afro-brasileiras, organizadas em torno dos terreiros e de suas tradições culturais e religiosas.

Prática tradicional: costume, conhecimento ou atividade transmitida de geração em geração dentro de uma cultura ou comunidade.

Quintais: espaços localizados atrás ou ao redor de uma casa, geralmente usados para plantas, criação de animais ou convivência.

Raizeira: pessoa que utiliza raízes, ervas e conhecimentos tradicionais para preparar formulações e práticas de cuidado transmitidas culturalmente.

Rezadeira: semelhante a benzedeira, é a pessoa que realiza rezas e benzeções com finalidade de cura, proteção ou conforto espiritual.

Terreiro: espaço comunitário e sagrado destinado ao uso religioso e comunitário.

Território: espaço físico, simbólico e cultural ocupado ou reconhecido por um grupo social.

Nota de revisão bibliográfica: o corpo do texto também menciona CUNHA (2023), Nego Bispo (2023), Jardins do Sagrado (2023), o Guia para Formação de Agentes Públicos sobre Povos e Comunidades Tradicionais de Belo Horizonte (2026), o Plano Municipal de Promoção da Igualdade Racial e a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. As fichas completas dessas referências devem ser conferidas e incorporadas antes da publicação final.

REFERÊNCIAS

BISPO DOS SANTOS, Antônio. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023. 112 p.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, DF: Presidência da República, 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 1 out. 2026.

CUNHA, Celina Gontijo. O duelo entre Deus e o Diabo: um olhar discursivo sobre rezas/orações/benzedeiras da cultura popular brasileira. 2023. 170 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstreams/f335e0e1-31ac-435d-8012-4106bfffb187/download. Acesso em: 1 out. 2026.

DIAS, Jaqueline Evangelista; LAUREANO, Lourdes Cardozo (coord.). Farmacopeia Popular do Cerrado. Goiás: Articulação Pacari, 2009. 352 p. Disponível em: Campanha em Defesa do Cerrado – Farmacopeia Popular do Cerrado (PDF) . Acesso em: 2 jul. 2026.

GUIMARÃES, César Geraldo; SANTOS, Flávio Henrique de Oliveira; FENATI, Maria Carolina (org.). Jardins do Sagrado: cultivando insabas que curam. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2023. Disponível em: https://www.saberestradicionais.org/wp-content/uploads/2023/11/Jardins-do-Sagrado-site-degustacao.pdf

NOGUEIRA, Sidnei. Intolerância religiosa. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020. 160 p. (Feminismos Plurais). Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Intolerancia_Religiosa_Feminismos_Plurais_Sidnei_Nogueira.pdf?1599239392. Acesso em: 1 out. 2026.

OLIVEIRA, Tayane Aparecida Rodrigues. Reza Antiga, Cura Certa – Bênçãos, memórias e quebrantos: o ofício da benzedura na cidade de São João del-Rei. Dissertação (Mestrado em História) – UFSJ, 2022. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pghis/DissertacaoTayaneAparecidaRodriguesOliveira.pdf. Acesso em: 02 de julho de 2026.

PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra. Belo Horizonte. Massa Edições, 2018.

QUINTANA, Alberto Manuel. A Ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. Bauru: EDUSC.1999.

Documento elaborado para fins de registro, consulta e valorização dos saberes tradicionais de benzedeiras e raizeiras em Belo Horizonte.